

Capítulo 1 - A viagem para a chapada

Universidade Federal do Rio de Janeiro — Departamento de Ciências Sociais.

— Professor Wallace! Venho tentando conseguir a verba para a pesquisa na Chapada dos Guimarães desde outubro do ano retrasado. Este é o quinto semestre que recebo a notícia de que não foi aceita.

— Professor Robson, sei que está ansioso para pesquisar civilizações antigas naquela área e sei, também, que alguns trabalhos já foram feitos e é uma incógnita afirmarmos que possam existir ainda outros vestígios não analisados.

— Esta é a palavra: incógnita. E é este o argumento. Vejo que o senhor me compreende muito bem. Como é que podemos deixar de lado este projeto se ainda existe a incógnita? A ciência está aí para isto, para esclarecer. Além do mais, a região ainda é muito pouco explorada, não existem muitas estradas, nem tantos acessos. É possível a existência de lugares que não foram pisados por nossa civilização.

— Compreendo, compreendo, Professor. Concordo com o senhor. Mas não sou eu quem decide pelo orçamento. Faço parte do conselho, mas sabe como são essas coisas: o dinheiro está escasso, há muitos projetos na área médica, como os da AIDS, e não há como intervir para procurar homens das cavernas, me entende?

— Entendo! Bem.. o que me resta, senão entender?...

Uma semana depois, no mesmo local:

— O que é isto, Professor Robson? Está me pedindo licença?

— Sim, estou.

— Quanto tempo?

— Seis meses. Apenas um semestre.

— As aulas estão prestes a começar. Não será possível conseguir um substituto em tão pouco tempo.

— Professor Wallace, sinceramente, não creio que seja tão difícil.

— Senhor Robson, o senhor tem me causado problemas ultimamente. Não admiro nada que duvide de meus argumentos.

— Está bem. Se é assim, então, passar bem.

Quinze dias depois, Aeroporto Santos Dumont, Rio de Janeiro:

— Alô!... Professor Wallace?... Aqui é o Robson. Sinto informar, mas não iniciarei as aulas. Estou partindo para uma longa viagem.

— O quê? O que aconteceu? Não pode deixar a turma assim sem uma justa causa.

— Não estou. Vou bancar sozinho aquele projeto na Chapada dos Guimarães.

O Quadrado da Caverna

— Ficou louco de vez? Sabe o que vai encontrar lá? Se não for gente fumando baseado, pode ser um ET.

— O senhor acha mesmo que a idéia não é boa?

— Tenho certeza.

— Agora também tenho certeza por que não consegui a verba, não é professor? Por isto, está decidido....

— Alô, alô... alô... Professor Robson... Professor?...

Era manhã de segunda-feira quando o sol ainda reluzia na neblina que encobria levemente as águas da Baía de Guanabara. O avião percorreu a pista, em direção ao Pão de Açúcar e, em pouco tempo, já sobrevoava o oceano voltando para o continente. As horas passavam, à medida que o sol se elevava, fugindo da pequena moldura da janela. Lá no Vale, algumas nuvens tímidas corriam embaixo, formando uma densa colcha de algodão. Acima, a imagem azul do céu claro iluminava o infinito daquela estrada de ar. A dúvida continha minhas emoções, que se confundiam sobre aquele estranho lugar para onde estava indo e que, por hora, suspeitava de ser o Éden, outras vezes, parecia o Apocalipse.

Lá embaixo, entre as frestas das nuvens, de vez em quando podia-se ver o manto verde da vegetação que cobria a vasta Região Central do Brasil, pouco habitada. Aquela imagem confirmava meus argumentos. Após algumas horas de vôo, pude ver, pela janela, uma cidade se aproximando. Em seguida, era anunciada a descida em Cuiabá, no aeroporto de Várzea Grande.

Alguns minutos mais tarde, o avião tocou o solo da estreita pista, indo parar nas imediações do aeroporto. Retirei a mochila e, na descida da escada, coloquei-a nas costas, olhando para todos os lados. O vento soprava, forte e quente, o sol ainda estava pouco encoberto. Caminhei, com outros passageiros, até o saguão de desembarque procurando pela saída, sem dificuldade. Tratei de pegar um táxi até a rodoviária, onde tomaria o ônibus que me conduziria à chapada.

Por volta de duas horas da tarde, já me encontrava sentado numa cadeira, à espera do ônibus que sairia em meia hora. Observava toda aquela gente, que vinha de todas as direções. O lugar estava bastante agitado. Ao fundo, alguns edifícios altos erguiam, no coração da América, uma grande cidade, Cuiabá.

Um grupo, com aproximadamente vinte pessoas, acabava de chegar, chamando-me a atenção. Pela aparência, suspeitei de que eram turistas indo para o mesmo lugar. Dentre eles, um se destacou e veio na minha direção, trazendo uns papéis na mão. Ao se aproximar, entregou-me um panfleto, ao mesmo tempo em que perguntou-me se já o tinha recebido. Observei o papel e vi que se tratava de um encontro a respeito de OVNI's que seria realizado em um hotel da chapada. Olhei novamente para aquelas pessoas e reparei que levavam vários equipamentos de fotografia e filmagem. Por certo, tentariam descobrir alguma coisa. Não revelei o fato, apenas lembrando da ironia do Professor Wallace, quando disse que lá, outras civilizações, somente se fossem ETs.

Finalmente, entrei em um ônibus coberto de poeira. Colocamo-nos a caminho, saindo da cidade, em direção a uma estrada que cortaria o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães. O ônibus corria a estrada bem devagar. O cenário ia se transformando, e uma região cada vez mais selvagem e montanhosa

O Quadrado da Caverna

surgia a cada curva. Por todos os lados o cerrado cobria de pedra o solo amarelo. Ao atravessarmos o Portão do Inferno, vi a majestosa montanha formar um paredão impressionante e majestoso. O cenário lembrava algo como o Vale dos Dinossauros. Continuamos a subir uma serra de relevo bastante acidentado, olhando para baixo, refletindo naqueles sinistros vales.

Após duas horas, finalmente chegamos à cidade da Chapada dos Guimarães e dali, até onde me hospedaria, faltava mais meia hora. Os ufólogos desceram do ônibus, e ajuntaram-se em frente a uma igreja do século XVII, na praça principal da cidade. Depois de saculejar bastante numa estrada de terra, cheguei até o pequeno vilarejo. Assim que descí, fui a uma espécie de mercado, aparentemente o único comércio da vila, à procura de informações. Um senhor de barbas e cabelos grisalhos me entreolhou pelos óculos e me recomendou uma pousada que estava estampada em um pequeno cartaz da mercearia. Foi comigo até a porta e me indicou a direção leste. No final, haveria uma pequena estrada, com uma trilha à direita. Algumas placas no caminho apontariam para a Pousada Xangrilá.

Caminhei, por aquelas trilhas floridas, sentindo o cheiro do campo e o ar puro que vinha das montanhas. O lugar contagiava com uma energia que apaziguava os ânimos confusos de até então. Após o fim da pequena vila avistei a trilha com a placa da pousada. Caminhei, entre arbustos e árvores, por todos os lados, tendo a impressão de uma vida muito diferente de minhas referências urbanas.

Após exatos quinze minutos a pousada Xangrilá surgiu à minha frente. Uma cabana bastante rudimentar cedia espaço para viajantes aventureiros. A construção era de madeira, com telhado de sapê. Uma varanda a rodeava na frente, com vários bancos à sua volta. Fui me aproximando, sentindo uma estranha sensação. Ao colocar os pés na varanda, deparei com vários duendes de miniatura pendurados no teto. Num artesanato feito sino, vários tubos de metal suspensos quebravam o silêncio, com o vento suavemente balançando e produzindo um som harmonioso de paz contagiante. Eu ainda não entrara, mas boas impressões já conquistavam meu espírito sequioso de aventura.

Nem precisei bater à porta, que estava aberta; uma senhora, aparentando mais ou menos uns 40 anos, se aproximou. Tinha a aparência um tanto mística, e recebeu-me com um sorriso simpático estampado entre os lábios:

— Procurando hospedagem?

— Sim, ... só por uns dias — respondi.

— Bem vindo à Xangrilá — acenou com a mão, pedindo gentilmente que eu entrasse.

Um salão com vários artesanatos espalhados pelo chão me chamou a atenção. Uns eram feitos a partir de troncos retorcidos, outros de palha e outros ainda de pedra. À frente, um balcão de madeira improvisava a recepção do exótico hotel. A senhora, gentilmente, ajudou-me a retirar a mochila das costas e me conduziu para averiguar alguns quartos. Escolhi um que estava ao fundo, com vista para um belo vale. Já dentro do quarto, a senhora apresentou-se com o nome de Imaculada, e não resistiu à sua curiosidade:

— O senhor está a passeio?

O Quadrado da Caverna

— Não, sou antropólogo; vim para fazer uns estudos. Ficarei hospedado até encontrar uma cabana para alugar.

— Antropólogo? — suspeitei de que ela não soubesse do que se tratava, mas continuou: — Já estiveram alguns por aqui, mais precisamente arqueólogos. Existem paredes com inscrições, mas acho que o senhor também já ouviu falar sobre elas, são pontos de visita para alguns turistas.

— Sim, é verdade. Mas creio que devem existir várias outras que não foram exploradas. Pretendo iniciar algumas escavações caso encontre novos indícios. Defendo tese sobre as civilizações perdidas no Brasil e suas heranças nas tribos indígenas e na nossa sociedade.

A Dona Imaculada parou um pouco, pensativa, e respondeu:

— Se o senhor pretende ficar realmente vai descobrir muita coisa que é guardada em segredo por várias pessoas que vivem nas florestas e nas montanhas. Terá de se habituar com muitas lendas e contos que são comuns aqui, nada ortodoxos para um cientista.

A simpática senhora deixou-me a sós, fazendo-me deduzir que tinha boa cultura. O cansaço interrompeu minhas indagações e fui direto para uma ducha de água fria.